



Figura 11: Grimório Maldito
Fonte: autora

Invocamos as forças obscuras e ancestrais que dormem nas páginas malditas do grimório. Convocamos, sem piedade, as potências subterrâneas da natureza e as forças cósmicas a esse rito.

Bruxaria: convite infernal?

Ela. tracejava palavras. Canetão gasto. Lousa branca. Tentava fazer uma leitura com um grupo de estudantes. O ambiente era o de sempre: umas cadeiras dispostas em fileiras, outras desordenadas. Alguns olhos atentos, outros distraídos, conversas paralelas, silêncios abissais e páginas sendo folheadas com um cuidado quase mecânico.

Um calafrio. Repentinamente. Atravessou-lhe a espinha. Suspensão do tempo. Rasgo no espaço. O Atordoada. Ouviu uma voz fina e sussurrante. Um chamado. Rompia a linearidade. Tempo. Algo. Ondulava o cotidiano da aula.

Gostaria de fazer uma viagem?

Voz. Ecoava insistente!

Hesitou. Olhou. Titubeou. Ao redor. De onde vinha. Estudantes seguiam. Som persistia. Eles em suas rotinas. Som. Estridente. Insistia. Balbuciou: viagem? Para onde? Olhos ainda abertos. Olhos vasculhavam a sala

Retorna o som. Tom de voz outro. Menor. Suave. Pronunciou: para um local inóspito e endiabrado, um lugar maldito. Um recanto sombrio, onde vivem os insubmissos e os que pensam demais. Para filosofia do inferno da educação com a Salamandra na íris do

olhar. Espectro ou miragem? Atrás da porta. Fissura do tempo. Intermezzo. Entre um possível e um impossível.

Não sabia ao certo se era uma bruxa, uma feiticeira sombria, uma entidade angelical, um elfo ou talvez um duende, embora tivesse traços que remetiam, paradoxalmente, a uma professora. Mas sua presença era inquietante, quase satânica e irônica. Trazia no rosto um riso debochado, sarcástico e diabólico. Tinha nos olhos uma chama inquieta dos que viram demais.

E quanto ao convite?

Atordoante e ao mesmo tempo irrecusável, como todo verdadeiro chamado à transgressão diabólica da linearidade da cena de uma aula e ao deslocamento inusitado, ao incômodo, ao que destoa da ordem estabelecida. Difícil de recusar os lábios do desejo.

Venha, faça a travessia. Traga perguntas. Aquelas. Aquelas que jazem soterradas sob o manto sagrado da pedagogia. Desenterre-as com as próprias mãos. Aceite esse chamado sacrílego. Experimente esse devir-infernal. Deixem que passem. Perturbações, vozes, sombras e dúvidas. Misture tudo nesta jornada profana. Sem sustos. Talvez alguns. Há sempre um espelho escondido atrás de uma porta qualquer. Por vezes, os estilhaços dos reflexos

perfuram o corpo. No fundo, você sabe que uma visita a essa filosofia diabólica não é um enfrentamento ao medo ou ao mal, mas um reconhecimento do que já pulsa em sua carne.

Aqui não há certezas nem salvação pedagógica divina, mas perguntas que ardem no fogo incandescente, borbulhando como lava no caldeirão, corroendo certezas e fazendo doer o ato de pensar. Solo herege. Algo que já arde nas entranhas.

Pode adentrar. Território amaldiçoado. Explorações por entre as brechas de uma filosofia ímpia. Menos certezas. Põe em dúvida aquelas. As ensinadas. Ostentadas verdades conhecidas. Verdades aprendidas.

Pode exorcizar-se das amarras de suas posições fixas de professora, de boa condutora. Dos processos de ensino e de aprendizagem.

Aqui, é preciso aniquilar a representação do professor como engrenagem exemplar da máquina educativa, como enciclopédia ou livro sacro.

Aqui não há obrigação de reverências e rezas. Não a figura do mediador da paz, do gestor de comportamentos, do executor da disciplina.

É necessário declinar da imagem do transcendente docente ideal. Aquele domina o conteúdo, que

controla a turma, que planeja tudo, que avalia bem e que não falha. A filosofia do inferno sussurra: esse professor só existe como modelo!

O inferno aqui não é o abismo e nem a punição, é o espelho que quando quebra deixa cacos que distorcem a idealização docente.

O educador infernal é atravessado por dúvidas, ruídos, interrupções, afetos brutos, inquietações.

Não temos a pretensão de demonizar ou de santificar a figura do professor, mas deixar passar linhas que desfiem os dogmas cultuados.

Sabemos que não se trata de eliminar a escola, exterminar os educadores ou fundar outra instituição redentora. Trata-se de desescolarizar o pensamento, deixar que as forças infernais façam o pensamento pensar. Pensar às bordas, por entre frestas possíveis. A filosofia infernal sabe que este professor ideal é exaustão travestida de virtude. É farsa. É prisão. É pura ficção objetificada.

Viver à docência do inferno não é desistir, e sim, parar de fingir. É admitir, sem culpa, que a aula nem sempre é o que se projeta, que o planejamento às vezes se desfaz e que se precisa de um improviso, atravessado de silêncio, ruído e invenção.

É aceitar que o encontro é raro, mas quando acontece, mesmo que por um instante, é puro acontecimento.

Um educador infernal recusa a normalidade como única via possível. Isso desafia a carga divina das falsas expectativas pedagógicas. Pratica um modo de resistência. Resistir aos planos que nem sempre funcionam, aos alunos que o ignoram, aos gestores que o vigiam, as planilhas intermináveis que reduzem corpos a estatísticas, aos sistemas que o calam, aos desejos repentinios de desistir. O docente infernal traça linhas do centro em direção das bordas. Resiste pelo percurso pelo qual algo ainda pode escapar.

Aqui neste chão impuro, sujo de giz, tinta, sangue e suor, a filosofia do inferno reconhece e faz uma ode a esse professor exausto, com olheiras, rouco, contraditório, que por vezes sente raiva, e sussurra: isso também é potência. Potência de esgotamento.

Aqui o professor não é Anjo nem Diabo, e a vida de educador não é feita apenas de redenção, de sofrimento e de sacrifício. A vida é inclassificável, às vezes indizível, e sobretudo imensurável.

Aqui, faz-se necessário a “doxa” de como tudo deve ser. Aqui a aposta é no que ainda pode vir a ser. Porque, nesta terra de heresias, faz-se urge saber que

múltiplo captura as multiplicidades, mas elas continuam a proliferar. Aqui não há lugar para posições estáveis, neste subsolo sacrílego – tensionamos um devir.

Atravesse esta encruzilhada ou volte. Feche essa porta e retorne à escola, como quem regressa do exílio, exorcizando e enterrando junto com seus fantasmas e corpos putrificados todas as suas perguntas sem respostas. Mas saiba que depois deste encontro já não será a mesma. E, mais ainda, que as vozes não irão embora, pois já não têm para onde ir, são as que te compõe, as que te dispõe, as que te arrastam, rasgam e deslocam.

Carregará o inferno dentro de si, não como blasfêmia ou maldição, mas como fenda aberta, como uma invocação que pulsa, por onde seus espectros mais sombrios poderão retornar.

E isso a tornará perigosa. Mesmo que o seja em um sorriso transverso, rosto alegre que afirma a tragicidade de sua humanidade.

Minha percepção me impõe pensar, mesmo que essa seja uma experiência dolorosa. Ora penso, ora percebo, ora ainda sou afetado. Resta a potência indiscernível que a cada perspectiva arrasta e induz. Um novo limite pulsa. Próxima fronteira. Por mais que o tudo e o todo apertem, sufoquem e aprisionem,

na companhia do herói errante, no olho das possibilidades, encontro-me no penúltimo dia da próxima noite de uma vida que se atualiza em um tempo diabolicamente redescoberto.

Silêncio. Prologado silêncio. Tímido sorriso. Gargalhada derrama. Maligna. Brilha nos olhos. Insanos. Homens. Criança. Perde e se redescobre. Um em meio aos percursos. Linhas de errância. Diabruras. Aqui o inferno não castiga, liberta. E o que pulsa entre cinzas, enxofres e risos é a mais pura heresia: uma vida, reinventada fora da linha.